

VOCÊ TEM MEDO DA CURANDEIRA, DOUTOR? QUANDO AS PRÁTICAS MEDICINAIS CONFRONTAM OS SABERES TRADICIONAIS

PAULO DE TARSO XAVIER SOUSA JUNIOR

VOCÊ TEM MEDO DA CURANDEIRA, DOUTOR? QUANDO AS PRÁTICAS MEDICINAIS CONFRONTAM OS SABERES TRADICIONAIS

ARE YOU AFRAID OF THE HEALER, DOCTOR? WHEN MEDICINAL PRACTICES CONFRONT TRADITIONAL KNOWLEDGE

PAULO DE TARSO XAVIER SOUSA JUNIOR¹

paulo_juniorpio@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5493-5376>

Resumo

O presente artigo visa dialogar sobre os saberes tradicionais perante a medicina. As questões que perpassam esses conhecimentos, bem como suas influências no cotidiano das pessoas e dos territórios, são foco deste trabalho. O estudo, que se configura como pesquisa bibliográfica, também visa discutir os impasses provocados quando esses saberes se chocam. Entender suas relações, os estigmas e os preconceitos construídos é fundamental para a realização de produção do nível que propõe este escrito. Conclui-se pela necessidade de pensar frente a essas duas concepções de saúde, não prevalecendo uma em detrimento da outra, mas antes colaborando para a construção de uma sociedade em que todas as pessoas possam gozar plenamente do direito à saúde e ao bem-estar social.

Palavras-chave: Saúde. Estima. Preconceito. Consequências.

Abstract

This article aims to discuss traditional knowledge in relation to medicine. The issues surrounding this knowledge, as well as its influence on the daily lives of people and territories, are the focus of this work. The study, which is configured as bibliographical research, also aims to discuss the impasses caused when this knowledge clashes. Understanding their relationships, the stigmas and prejudices that have been built up is fundamental to producing the kind of work that this paper proposes. The conclusion is that there is a need to think about these two conceptions of health, so that one does not prevail to

¹ Psicólogo, mestre em psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria, pesquisador em saúde pública pela Fiocruz Piauí e docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual do Maranhão, *campus* Caxias/MA.

the detriment of the other, but rather collaborates to build a society in which all people can fully enjoy the right to health and social well-being.

Keywords: *Health. Esteem. Prejudice. Consequences.*

Introdução

Durante vários momentos e situações nas sociedades, os saberes foram se constituindo como fonte de informação, contato e necessidade diante de alguma demanda. Assim, esses conhecimentos foram sendo disseminados e preservados por alguma razão. Isso não necessariamente condiz apenas com o processo de formação científica corroborada pela academia. As comunidades também construíram seus próprios saberes, desempenhando uma função social. Silva e Pamponet (2022), por exemplo, descrevem as plantas medicinais como importante ferramenta da construção de estratégias de bem-estar e saúde, associadas a uma filosofia muito particular e pertencente a uma localidade, refletindo-se, assim, na identidade e nos costumes de um povo.

Simultaneamente ao surgimento dessa movimentação popular e cultural nas comunidades, a ciência foi se desenvolvendo e criando pressupostos e suportes diante das problemáticas sociais. Inventos, cálculos, línguas e muitos outros saberes foram estabelecidos para garantir a sobrevivência e a evolução humanas. De acordo com o relato de Siqueira et al., (2021), foram realizadas experiências que puderam efetivar o poder da cura medicinal, por exemplo, associando-as aos benefícios e às qualidades que apresentam comprovação científica. Nesse sentido, é possível conceber uma ciência em congruência a esse conhecimento que advém da cultura popular.

Dias e Amarante (2022) apontam a necessidade de buscar aproximação entre a ciência e a cultura popular. Isso estabelece uma conexão entre as pessoas, bem como a integralidade entre os saberes que fazem parte da história e do contexto territorial. A compreensão desses fatores constitui uma importante ferramenta para o cuidado em saúde. Assim, é urgente pensar em estratégias e ações que visem não ao conflito entre esses conhecimentos, mas entender a representatividade de cada um deles dentro de um conjunto específico.

Nesse sentido, a curadoria ofertada de modo popular criou embates entre as ciências da saúde, colocando em xeque a efetividade

das ações ofertadas por remédios e receitas caseiros e culturais. Ainda mais porque essas crendices e ofertas eram desempenhadas, muitas vezes, por mulheres, potencializando ainda mais a misoginia e a discriminação por gênero que já eram estabelecidas pelo movimento patriarcal. Como resultado disso, houve uma série de perseguições e invalidações não só dessas mulheres e suas práticas, como também de diversas comunidades e localidades desenvolvidas pelos territórios mais vulnerabilizados e que se encontravam à margem da sociedade (Martins, Clarindo, Campos, 2023).

Com base nessas questões propõe-se a produção deste trabalho. Trata-se, portanto, de pesquisa bibliográfica gerida pelo seguinte questionamento norteador: quais mecanismos diferenciam os conhecimentos e práticas oriundos da ciência e dos saberes tradicionais populares? Assim, o estudo passou a ter como objetivo discutir, perante as reflexões da literatura, o conhecimento popular e acadêmico nos territórios.

Metodologia

Conforme Bispo (2023), a pesquisa bibliográfica, como aqui se desenvolve, é um tipo de modalidade de investigação acadêmica que visa discutir e apresentar trabalhos sobre determinada temática, abrangendo alguns critérios definidos pelo pesquisador. Assim, esse tipo de escrito analisa e discute as produções acadêmicas, suas falhas e potencialidades, sempre associadas a um escopo específico.

Entre as diversas possibilidades de trabalhos bibliográficos, a escolhida para o desenvolvimento deste texto se deu por meio da revisão integrativa. De acordo com Ercole, Melo e Alcoforado (2014), esse tipo de pesquisa vai além da sintetização das produções disponíveis na literatura, promovendo uma discussão sobre esses aspectos teóricos aplicados ao contexto e a práticas referentes ao objeto de estudo.

Foi adotada a estratégia PCC (problema, conceito, contexto), de modo a auxiliar na definição do escopo desta revisão. Assim, o problema

diz respeito às divergências e convergências entre os saberes populares e a ciência; o conceito é definido no modo como os textos apresentam os conhecimentos oriundos de ambas as epistemologias; e o contexto se aplica à realidade brasileira. Para essa investigação, foram realizados os seguintes passos: definição da pergunta norteadora e dos objetivos; escolha dos descritores; coleta de dados nas bibliotecas virtuais; seleção do material utilizado; pré-análise dos materiais; interpretação e organização dos dados; e, por fim, a construção do trabalho final materializado neste texto.

No período de janeiro e fevereiro de 2024 foram realizadas buscas nas seguintes bibliotecas virtuais: Scielo, BVS Brasil, Lilacs, Pepsic e Google Acadêmico, utilizando os descritores ciência, saberes populares, conhecimentos e territórios. Para a realização desse processo, foi empregado de maneira alternada o operador booleano “and”, compreendendo, assim, o uso de dois ou três dos descritores no momento da coleta. Como critérios de inclusão, foram definidos os seguintes pontos: escritos em língua portuguesa, oriundos do período de 2022 a 2024, pertinentes aos objetivos deste trabalho. Como critérios de exclusão, foram dispensadas publicações definidas como resumos, relatos de experiência, artigos de opinião, resenhas e entrevistas.

Os dados foram organizados em tabelas que definiam objetivo e resultados do estudo, oportunizando, assim, melhor disposição e compreensão do material para o prosseguimento das próximas etapas da pesquisa. Na primeira fase de pré-análise acabaram sendo selecionadas 30 referências. Após minuciosa leitura, permaneceram 20, sendo as demais descartadas em consequência da não adesão aos critérios estabelecidos neste estudo, uma vez que grande parte da coleta se caracterizava como resumo ou destoava do objetivo aqui priorizado. Os resultados foram submetidos ao método de interpretação de sentidos. Segundo Gomes (2016), esse tipo de análise permite compreender para além dos discursos, verificando, portanto, as intersecções neles presentes e sua influência conforme a problemática do estudo.

Resultados

Os resultados apontaram crescente avanço no número de publicações referentes à temática desta revisão, ocorrendo o maior número de produções do período compreendido na delimitação do estudo em 2023. Os textos ainda abarcaram interdisciplinaridade entre as formações dos autores, promovendo reflexões de forma transversal. A maior parte dos trabalhos pertencia à área das ciências sociais, totalizando mais da metade das produções, havendo número bem menor de publicações da área de ciências da saúde. Além disso, os trabalhos buscavam refletir, portanto, como essas práticas curativas e/ou espirituais têm crescido entre os espaços e não podem ser negligenciadas seja pela ciência, seja pelas políticas e instituições de saúde. Foram realizadas diversas leituras para a efetivação do uso da referência na produção deste trabalho. Optou-se pela construção de uma tabela resumo, apresentada a seguir, apontando os resultados evidenciados nos estudos selecionados, bem como algumas características de sua apresentação.

Quadro 1 – Referências selecionadas para a pesquisa

Título do artigo	Autores	Ano de publicação	Tipo de estudo
Plantas que curam: práticas e saberes tradicionais em saúde na tríplice fronteira	Milena Registro	2021	Pesquisa de campo
Mulheres, curandeiras e enfermeiras na perspectiva de gênero e de raça O que perde a enfermagem com a reedição de discursos discriminatórios?	Maria Verônica Sousa Torres; Maria Raquel Gomes Maia Pires	2023	Pesquisa teórica
“Não, eu só rezo em criança”: Benzedeadas e construções epistemológicas em saúde no Cariri cearense	Pedro Walisson Gomes Feitosa; Maria Andreza Gomes Maia; Nayana Freitas Vieira Ribeiro; Victória Monalisa Batista de Freitas Leite; Maria Stella Batista de Freitas Neta; Sally de França Lacerda Pinheiro	2022	Relato de experiência
Das bruxas, saladoras, santeiras, cuspidoras e meigas europeias às atuais	Yls Rabelo Câmara	2020	Estudo teórico

rezadeiras tradicionais brasileiras			
A benzedura nos territórios da Estratégia Saúde da Família: percepções de trabalhadores, usuários e benzedores	Luiza Maria de Assunção; Rosimár Alves Querino; Leiner Resende Rodrigues	2020	Pesquisa de campo
Plantas medicinais da caatinga: uma revisão integrativa dos saberes etnobotânicos no semiárido nordestino	Hélio Souza dos Reis; Cristiane Domingos da Paz; Fábio Del Monte Coccoza; Juliana Gabriela Alves de Oliveira; Marcos Antônio Vanderlei Silva	2023	Pesquisa teórica
Eu Mais Velha: um estudo etnográfico das narrativas de cura, fé e ancestralidade em mulheres curandeiras caiçaras	Bianca Sevciuc; Valéria El Horr	2022	Pesquisa de campo
Tradição oral das rezas populares e a simbologia de elementos linguísticos e performáticos	Romana de Fátima Macedo Gomes; Roviane Oliveira Santana	2023	Pesquisa de campo
Do índio Passos ao doutor Chernoviz: experiências de cura da lepra no Pará do século XIX	Márcio Couto Henrique	2023	Pesquisa documental
Plantas medicinais em quintais periurbanos: espaços de valorização da biodiversidade em São Miguel do Guamá, Pará	Carlos Natham Machado de Souza; João Paulo de Jesus Silva; Janaira Almeida Santos; Flávia Cristina Araújo Lucas	2023	Pesquisa de campo
A medicina tradicional ribeirinha em vozes femininas	Leonardo Silveira Santos; Ronize da Silva Santos; Manoel Ribeiro de Moraes Junior; Flávia Cristina Araújo Lucas; Catarina Custódio; Ladide de Souza Passos; Eliana do Nascimento	2023	Pesquisa de campo
Práticas de cura, saberes tradicionais e conhecimentos escolares: um estudo sobre uma comunidade rural de Minas Gerais (1940-1970)	Walquiria Miranda Rosal; Ana Maria de Oliveira Galvão	2021	Pesquisa de campo
Saberes e práticas populares no uso de plantas medicinais em espaço urbano no sul do Brasil	Alisson Martins Duarte; Anelise Viapiana Masiero; Pedro Boff; Mariana Pucci	2020	Pesquisa de campo
Conhecimento popular e utilização das práticas integrativas e complementares na perspectiva das enfermeiras	Priscila Gomes Martins; Rubia Sousa Brito; Pollyane da Costa Matos dos Santos; Carolina Rodrigues Laverde; Nunila Ferreira de Oliveira; Calíope Pilger	2021	Pesquisa de campo
Contribuições do pensamento decolonial sobre a ciência e sua	Bruno Marangoni Martinelli; Umberto Euzebio	2022	Pesquisa de campo

práxis no contexto de povos e comunidades tradicionais			
Epistemologias do sul e descolonização da saúde: por uma ecologia de cuidados na saúde coletiva	João Arriscado Nunes; Marília Louvison	2020	Pesquisa teórica
Conhecimentos tradicionais <i>versus</i> conhecimentos científicos? Em defesa de uma educação que religue os saberes	Francisco das Chagas Silva Souza; Valdo Sousa da Silva	2021	Pesquisa teórica
Desenvolvimento e medicina popular: os saberes e fazeres das benzedeiras, curandeiras e parteiras na produção da economia do cuidado	Carolina de Castro Teixeira	2022	Pesquisa de campo
Experiências do observatório caririense de práticas em saúde popular: estudos sobre parteiras e benzedeiras	Pedro Walisson Gomes Feitosa; Vinicius Gomes Mota; Maria Andreza Gomes Maia; Ítalo de Oliveira Constâncio; Emille Sampaio Cordeiro; Sally de França Lacerda Pinheiro	2020	Relato de experiência
Saberes e estratégias de cuidado na medicina popular – uma revisão epidemiológica em medicina popular ou fitoterapia	Ronaldo da Silva Cruz	2020	Estudo teórico

Fonte: própria.

Discussão

As discussões aqui desenvolvidas refletem os achados evidenciados na pesquisa da literatura pertinente. Os resultados analisados sinalizam que uma das características mais comuns quando se trata desse fenômeno diz respeito à cura promovida por remédio à base de plantas e ervas. Sobre essa questão, infere-se:

Dentro de um contexto geral a medicina das plantas se expressou de distintas formas em diversos lugares, nunca atuando como uma categoria pura e idêntica, porém se pusermos ênfase em nosso contexto local, perceberemos que este conhecimento veio por meio de um saber originário que tende a interpretar a relação de natureza e cultura como indissociáveis, o que implica diretamente em como concebe-se a medicina das plantas (Registro, 2021 p. 16).

Muitas ciências contribuíram para a deslegitimação dos saberes produzidos pelas curandeiras, a exemplo da enfermagem. Como descrito no estudo de Torres e Pires (2023), para as mulheres que realizavam essas práticas sociais, eram feitos julgamentos em detrimento do saber científico. Isso significava, portanto, a não aceitação dos trabalhos, remédios e bênçãos produzidos, já que não existe um valor de comprovação conforme os métodos estabelecidos dentro das ciências, sobretudo as da saúde.

Os resultados convergiram para a presença do uso de plantas e remédios à base de plantas e ervas dispostas no meio como forma de cuidado e prevenção de doenças. As receitas são compartilhadas de maneira geracional, promovendo alternativas de cuidado à saúde. Ainda que grande parte dos trabalhos tenha evidenciado essa questão, nem todos os autores aprofundaram o debate no que diz respeito a como a sociedade capitalista negligencia e marginaliza muitos desses saberes, a exemplo do que é evidenciado por Martinelli e Euzebio (2022), que sintetizam o modo como a construção da colonialidade europeia atribui o *status* de ciência apenas a conhecimentos que são legitimados por uma comunidade científica patriarcal e branca.

O debate não deve transcender uma competição entre opções pelo método de cuidar da saúde com necessária superioridade de uma ou outra. É preciso ir além desse julgamento simplório, considerando todas as nuances de territórios, como a cultura, as fragilidades e especificidades de uma região. Assim, a falta de atenção a esses aspectos, onde em geral a população segue sem o cuidado a seu bem-estar de forma acessível e coerente, significa, portanto, a busca dos primeiros artifícios que possam auxiliá-la de alguma forma. Dessa maneira, não se deve à discriminação, mas, ao contrário, ao acolhimento perante essas subjetividades e suas respectivas angústias.

As bênçãos, rezas, rituais, orações, trabalhos, banhos, uso de ervas e afins são alguns dos instrumentos utilizados na curadoria popular evidenciados nos resultados da pesquisa. Muitos estão atrelados a alguma religião, fazendo, assim, seu uso ligado a uma determinada crença. Ainda

que as pessoas não sigam exatamente os preceitos dessa religião, a fé é um dos elementos presentes nesse quadro para a busca pela saúde. A negativa de muitas dessas sabedorias também está associada à intolerância frente a outras crendices de origem africana, por exemplo. Nesse sentido, os resultados dessa pesquisa apontam para a necessidade de ampliação do diálogo nessa frente.

Em uma das fontes dispostas nos resultados, o trabalho de Souza e Silva (2021) relata a necessidade de reiterar um entendimento histórico secular de como a colonização provocou uma série de mudanças estruturais no país. Assim, as influências africanas, indígenas e quilombolas construíram a base da comunidade brasileira. Por isso, a religião e todos os elementos que configuram esses saberes são ancestrais e possuem seu lugar e sua importância dentro dos territórios. Esses itens de discussão, apesar de não ser frequentes em todos os resultados dispostos neste trabalho, apresentam elementos que corroboram o entendimento do problema proposto nessa investigação.

É preciso recordar uma diferença teórico-política presente durante a construção deste trabalho. Por muito tempo, a moderna medicina europeia-ocidental desenvolveu o arcabouço que definiu as práticas acadêmicas e científicas, oportunizando um fazer profissional tradicional. À medida que essa construção foi se alastrando para as demais dimensões sociais, os saberes tradicionais receberam características estereotipadas, sendo associadas ao medo e à discriminação. Dessa maneira, é evidente a existência de todo um contexto histórico-social-cultural que definiu e segue definindo esses dois tipos de conhecimentos, oportunizando, portanto, que esses estigmas sigam presentes na atualidade.

A religiosidade sempre está ligada aos saberes e práticas dessas mulheridades que fazem desde remédios a rituais de bênçãos, refletindo uma prática ancestral e repassada de uma geração à seguinte dentro de um território. Ainda que tenham essa ligação frente à fé exercida e estimulada, essa história contribui para o fortalecimento de um povo e de um modo de vida. Não é à toa que essas crendices são próprias e vivenciadas dentro de um lugar, território esse que, muitas vezes, é

estigmatizado em detrimento de tantas outras zonas com sentidos e percepções nobres, quando se fala de uma cidade, por exemplo (Feitosa et al., 2022).

Reafirmando o exposto, a atuação das rezadeiras tem (...) caráter preventivo gerador de bem-estar físico, emocional e espiritual, tanto individual quanto coletivo, e que não tem por objetivo a exclusão do processo terapêutico alopático, mas o somatório de esforços para prover um cuidado integralizado do sujeito. A grande relevância de sua prática é retornar à natureza enquanto fonte de saúde (uma vez que a contemporaneidade fez com que o sujeito se afastasse do seu centro), retornando ao contato com sua memória curativa ancestral e ecológica das formas efetivas de preservação da saúde (Câmara, 2020, p. 510).

O contato com a natureza também sugere um capítulo importante dentro desse debate, colocando em pauta o modo como as comunidades tradicionais mantêm o fortalecimento da cura por meio de recursos naturais. Essa tradição acabou dando margem ao surgimento do sistema capitalista e do lucro. Com sua perda, essa forma de cura foi substituída por diversos medicamentos construídos à base de várias outras drogas. Essas práticas curativas vão na contramão dessa composição, buscando o contato com o ambiente e como ele pode contribuir de forma efetiva e direta no cuidado das pessoas. Pode contribuir, também, na mudança de olhares para essas plantas, em suas percepção e conservação diante de uma sociedade cada vez mais sedimentada, asfaltada e sem lugar para o verde.

O Estado também contribui para a dissolução dos saberes populares. A ciência é vista, então, como elemento fundamental, mas segue ao mesmo tempo não acessível a todas as pessoas, colocando, portanto, uma espécie de exclusividade que gera e a exclusão social e contribui para sua ocorrência. Desse modo, favorece a produção de um meio de desigualdades. Quando se negam e invisibilizam esses conhecimentos em favor de outro, cria-se a marginalização das pessoas que realizam esses trabalhos, bem como de todas as pessoas que usufruem desse movimento (Sevciuc, El Horr, 2022).

Existe um movimento impulsionado dentro do capitalismo que irá oferecer à população uma visão mercantilizada da ciência, ou seja, as pesquisas e os retornos que elas oferecem, seja por exames, seja por medicamentos, são associados a um custo. E esse custo precisa ser sanado pela população, funcionando como moeda de troca. Assim, toda uma indústria é alimentada dentro do contexto de que o bom, seguro e garantido é obtido por meio da ciência tradicional e das instituições oriundas desse movimento. Os saberes e práticas tradicionais, muitas vezes, são colocadas de lado e considerados não efetivos, o que faria, então, a saúde se tornar, portanto, a idealização de um negócio em que, na maioria das vezes, o lucro é tido como o essencial.

Ao mesmo tempo, os resultados deste trabalho apontam para divulgação mais ampla desses saberes por meio das redes sociais. O contato com essas mídias possibilitou a divulgação dessas práticas, bem como a construção de uma rede coletiva entre determinados territórios. Muitas delas, aliás, tiveram um salto em seu uso de compartilhamentos em decorrência da pandemia da covid-19, a qual instaurou o distanciamento entre as pessoas e, conseqüentemente, em suas relações. O resultado, portanto, foi uma nova forma de conectar e prestar os serviços medicinais. Essa mudança também acompanhou a medicina como meio necessário de promoção de consultas e requerimentos.

Um exemplo que ilustra a situação descrita se faz presente em alguns resultados, por exemplo, no estudo de Souza et al., (2023). Os autores refletem sobre um território particular, no caso a Amazônia brasileira, onde a produção de ervas, muitas vezes viabilizada nos quintais e proximidades das residências das pessoas, faz parte do cotidiano de muitas famílias. Assim, as conclusões deste estudo apontam como esses saberes estão relacionados aos cotidianos particulares de cada localidade, representando, assim, na identidade de um território, muitos elementos subjetivos.

Gomes e Santana (2023) apontam também para outras características desses rituais de cura construídos socialmente. Existem alguns mecanismos utilizados como a linguagem entre *performances* e o

uso da própria língua para a criação das rezas e demais bendizeres. O conjunto dessas ações também se reflete no modo como as forças constroem e apoiam a participação do sujeito no processo. Assim, ele não passar a ser apenas um ser passivo de cura. Sua entrega nesses momentos também é crucial para o desenvolvimento do reestabelecimento da saúde.

Já em relação à medicina, os resultados da pesquisa demonstraram que a realização de muitos dos procedimentos utilizados depende apenas da figura do profissional da saúde. Nesse sentido, esses funcionários são os únicos e exclusivos responsáveis pelo conhecimento científico. Pensando nessa perspectiva, o paciente passa a ter uma postura mais passiva diante do processo de recuperação de sua saúde. Isso, aliás, vem sendo discutido em muitas esferas dentro das políticas de saúde, incentivando que cada pessoa seja ativa no processo saúde/doença.

Acolher é reconhecer o que o outro traz como legítima e singular necessidade de saúde. O acolhimento deve comparecer e sustentar a relação entre equipes/serviços e usuários/populações. Como valor das práticas de saúde, o acolhimento é construído de forma coletiva, a partir da análise dos processos de trabalho e tem como objetivo a construção de relações de confiança, compromisso e vínculo entre as equipes/serviços, trabalhador/equipes e usuário com sua rede socioafetiva (Brasil, 2008, p. 7-8).

A própria ciência reconheceu a necessidade de mudanças de práticas e da forma de atuação da medicina curativa, que tratava mais da doença do que do próprio sujeito adoecido. Dessa maneira, novas políticas foram surgindo com a necessidade de se pensar em um cuidado mais abrangente, com possibilidades de bem-estar e mais participação nesse caminho para o processo saúde/doença. Essas novas possibilidades de atuação, contudo, ainda enfrentam dificuldades de inserção, sendo necessárias ações mais efetivas de cobrar dos profissionais uma mudança mais ativa no seu pensar e agir, favorecendo, assim, o paciente.

Um dos resultados encontrados, apesar de com pouca evidência em relação aos demais temas discutidos até aqui, promove nova integração entre a academia e a população. Um dos casos observados está

no estudo de Martins et al., (2021), em que enfermeiras mostram novas *performances* em seu fazer profissional no contato com as pessoas. É importante o conhecimento não apenas dos saberes populares, mas da cultura do território, refletindo-se em posturas acolhedoras e com respeito às subjetividades. A prática então deve buscar um meio comum entre esse apreço e os conhecimentos da academia que auxiliam no bem-estar à saúde, produzindo, dessa forma, novas formas de cuidado e tratamento nos setores de cuidado em saúde pública.

Os saberes comunitários vão na contramão e se estabelecem por meio do vínculo. O contato estabelecido entre as pessoas e a comunidade constitui um importante elo para a transformação e o entendimento do que se pode fazer para a cura diante de uma patologia. Esses olhares estabeleceram acolhimento e amparo em face de um fazer biomédico que não abraçava diferenças e diversidades. Os achados neste estudo reiteram a importância desses laços como fonte de conhecimento e de ação efetiva. Esse saber se reflete também no culto à natureza, em crenças e credos.

Enquanto isso, em muitas localidades e regiões de saúde, esses saberes entram em conflito, uma vez que não conseguem culminância de participações na vida de cada um dos indivíduos, sobretudo quando muitos profissionais não legitimam esses rituais e ações. Ainda que não existam fontes que corroborem uma sintomatologia negativa, as bênçãos e curas também possuem valor cultural e afetivo aos sujeitos. A própria ciência deve abraçar esses saberes de forma a encontrar um denominador comum de existência de forma presente e efetiva na vida e no cotidiano das pessoas e suas respectivas comunidades.

Considerações finais

As reflexões construídas neste trabalho não cessam ainda as disputas de saberes evidenciados entre as duas práticas colocadas aqui: a da medicina biomédica centrada na doença e a de cultivos populares. Não é também objetivo deste estudo promover o acirramento entre elas, mas

compreender a gênese dessas discrepâncias. Os resultados apontam para a invalidação, em muitos campos, de um desses conhecimentos; contudo, é preciso observar as nuances a respeito da constituição de cada uma delas.

A medicina evoluiu bastante, e hoje é possível a realização da cura de muitas patologias, bem como a promoção de saúde e bem-estar das pessoas, além da construção de um tratamento com mais qualidade e o menos doloroso possível. Na outra ponta dessa discussão, é possível encontrar os saberes da terra, das águas e das pessoas, passados de uma geração à seguinte, e que garantiram a saúde e o acalento diante da dor e do sofrimento de uma doença desconhecida.

Ambos os saberes não só são passíveis de convivência, como também de complementação no dia a dia, situação bastante presente no cotidiano de muitas pessoas. Promover o acesso à informação e aos mecanismos de cuidado é fundamental, como também o respeito às crenças e aos credos compartilhados, já que isso faz parte da subjetividade de cada um dos sujeitos, promovendo, então, o encurtamento do distanciamento dessas duas formas de promoção de saúde e, conseqüentemente, atenuando os temores que possam surgir.

Referências

BISPO, Marcelo de Souza. Um olhar crítico sobre a prática de revisão de literatura. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 27, p. e230264, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Política Nacional de Humanização – PNH*. Brasília: Ed. Ministério da Saúde, 2008

CÂMARA, Yls Rabelo. Das bruxas, saludadoras, santeiras, cuspidadeiras e meigas europeias às atuais rezadeiras tradicionais brasileiras. *Caminhos – Revista de Ciências da Religião*, v. 18, p. 502-514, 2020.

DIAS, João Vinícius dos Santos; AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. Educação popular e saúde mental: aproximando saberes e ampliando o cuidado. *Saúde em Debate*, v. 46, p. 188-199, 2022.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão integrativa versus revisão sistemática. *Reme – Revista Mineira de Enfermagem*, v. 18, n. 1, 2014.

FEITOSA, Pedro Walisson Gomes et al. “Não, eu só rezo em criança”: benzedeadas e construções epistemológicas em saúde no Cariri cearense/“No, I only pray in children”: faith healing and epistemological constructions in health in Cariri cearense. *ID on line. Revista de psicologia*, v. 16, n. 60, p. 1120-1129, 2022.

GOMES, Romana de Fátima Macedo; SANTANA, Roviane Oliveira. Tradição oral das rezas populares e a simbologia de elementos linguísticos e performáticos. *Revista Ouricuri*, v. 13, n. 2, p. 3-19, 2023.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2016.

MARTINELLI, Bruno Marangoni; EUZÉBIO, Umberto. Contribuições do pensamento decolonial sobre a ciência e sua práxis no contexto de povos e comunidades tradicionais. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 60, 2022.

MARTINS, Priscila Gomes et al. Conhecimento popular e utilização das práticas integrativas e complementares na perspectiva das enfermeiras/Popular knowledge and use of integrative and complementary practices at the perspective of nurse. *Journal of Nursing and Health*, v. 11, n. 2, 2021.

MARTINS, Rafaela Werneck Arenari; CLARINDO, Adriely de Oliveira; CAMPOS, Mauro Macedo. Bruxas, curandeiras e benzedeadas: existências e resistências. *Mosaico*, v. 15, n. 23, p. 201-225, 2023.

REGISTRO, Milena. Plantas que curam: práticas e saberes tradicionais em saúde na tríplice fronteira. Monografia (Bacharelado em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-

Americana). Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

SEVCIUC, Bianca; EL HORR, Valéria. Eu Mais Velha: um estudo etnográfico das narrativas de cura, fé e ancestralidade em mulheres curandeiras caiçaras. *Revista Pistis & Praxis*, v. 14, n. 3, 2022.

SILVA, Luzia Wilma Santana da; PAMPONET, Lohana Soares. Saberes populares no uso de plantas medicinais: tradição de valor familiar na convergência aos saberes científicos. *Revise – Revista Integrativa em Inovações Tecnológicas nas Ciências da Saúde*, v. 9, n. fluxocontínuo, p. 325-351, 2022.

SIQUEIRA, Luiza Figueira de et al. Sabedoria popular, senso comum e ciência: articulando saberes através das plantas medicinais na educação de jovens e adultos. *Scientia Naturalis*, v. 3, n. 2, 2021.

SOUZA, Carlos Natham Machado de et al. Plantas medicinais em quintais periurbanos: espaços de valorização da biodiversidade em São Miguel do Guamá, Pará. *Interações*, Campo Grande, v. 24, p. 411-426, 2023.

SOUZA, Francisco das Chagas Silva; SILVA, Valdo Sousa da. Conhecimentos tradicionais versus conhecimentos científicos?: em defesa de uma educação que religue os saberes. *Educação Profissional e Tecnológica em Revista*, v. 5, n. especial, p. 8-28, 2021.

TORRES, Maria Verônica Sousa; PIRES, Maria Raquel Gomes Maia. Mulheres, curandeiras e enfermeiras na perspectiva de gênero e de raça: o que perde a enfermagem com a reedição de discursos discriminatórios? *Revista do Ceam*, v. 9, p. 1-15, 2023.

Recebido em: 22 de abril de 2024

Aceito em: 03 de julho de 2024